

“EU FUI ESCOLHIDO POR DEUS”:

Memórias e musealidades no campo religioso em Imperatriz-MA

“I WAS CHOSEN BY GOD”:

Memories and musealities in the religious field in Imperatriz-MA

“FUI ELEGIDO POR DIOS”:

Memorias y musealidades en el campo religioso en Imperatriz-MA

“J'AI ÉTÉ CHOISIE PAR DIEU”:

Mémoires et musealités dans le champ religieux à Imperatriz-MA

Polyana Almeida Frota

Mestranda- Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFMA)- Maranhão-Brasil


polyana.frota@discente.ufma.br

 ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-9966-4661>

Rogério de Carvalho Veras

Doutorado- Professor da Universidade Federal do Maranhão- Maranhão-Brasil

rogerioveras14@gmail.com

 ORCID : <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-8821-8001>

Recebido em: 15/03/2022

Aceito para publicação: 13/10/2022

Resumo

Este artigo propõe-se ao estudo da memória dos grupos pentecostais, católicos e afro-brasileiros de Imperatriz-MA, por meio do acervo documental, iconográfico e de cultura material fornecido pelos mesmos à essa pesquisa. O objetivo é analisar as representações da memória desses grupos, buscando as relações entre essas memórias e diferentes aspectos da contemporaneidade como a sua identidade religiosa, suas disputas no campo religioso, sua inserção no espaço público. Para isto usamos como orientação teórico-metodológica autores que são referências no tema da memória, como: Pierre Nora, Michael Pollak e Maurice Halbwachs, além de teorias da museologia, especialmente o conceito de “musealidade”, de Tereza Scheiner. Os resultados nos mostram, através das memórias musealizadas de cada grupo, as estratégias de poder por parte das religiões atualmente dominantes (pentecostais e católicos), tanto para difundir suas doutrinas, quanto nas maneiras de subalternizar e demonizar as religiões afro-brasileiras e suas práticas, bem como as formas de resistência destas.

Palavras-chave: Religiões, Memórias, Musealidade, Imperatriz-MA.

Abstract

This article proposes to study the memory of Pentecostal, Catholic and Afro-Brazilian religions groups in Imperatriz-Ma, through the documentary, iconographic and material culture collection provided by them to this research. The objective is to analyze the representations of the memory of these groups, seeking the relationships between these memories and different aspects of contemporaneity such as their religious identity, their disputes in the religious field, their insertion in the public space. For this, we use as theoretical-methodological guidance authors who are references in the theme of memory, such as: Pierre Nora, Michael Pollak and Maurice Halbwachs, more theories of museology, especially the concept of “museality”, by Tereza Scheiner. The results show us, through musealized memories, the power strategies by the currently dominant religions (Pentecostal and Catholic), both to spread their doctrines, and in the ways of subalternizing and demonizing Afro-Brazilian religions and their practices, as well as the forms of resistance of Afro-Brazilian religions.

Keywords: Religions, Memories, Museality, Imperatriz-MA.

Resumen

Este artículo se propone estudiar la memoria de grupos pentecostales, católicos y afrobrasileños de Imperatriz-MA, a través del acervo documental, iconográfico y de cultura material proporcionado por ellos a esta investigación. El objetivo es analizar las representaciones de la memoria de estos grupos, buscando las relaciones entre estas memorias y diferentes aspectos de la contemporaneidad como su identidad religiosa, sus disputas en el campo religioso, su inserción en el espacio público. Para ello, utilizamos como guía teórico-metodológica autores que son referentes en el tema de la memoria, tales como: Pierre Nora, Michael Pollak y Maurice Halbwachs, así como teorías de la museología, en especial el concepto de “musealidad”, de Tereza Scheiner. Los resultados nos muestran, a través de las memorias musealizadas de cada grupo, las estrategias de poder por parte de las religiones actualmente dominantes (pentecostal y católica), tanto para difundir sus doctrinas, como en las formas de subalternizar y satanizar las religiones afrobrasileñas y sus prácticas, así como las formas de resistencia de las religiones afrobrasileñas.

Palabras clave: Religiones, Memorias, Musealidad, Imperatriz-MA.

Résumé

Cet article propose d'étudier la mémoire des groupes pentecôtistes, catholiques et afro-brésiliens d'Imperatriz-MA, à travers le fonds documentaire, iconographique et de culture matérielle qu'ils ont fourni à cette recherche. L'objectif est d'analyser les représentations de la mémoire de ces groupes, en recherchant les relations entre ces mémoires et différents aspects de la contemporanéité tels que leur identité religieuse, leurs contestations dans le champ religieux, leur insertion dans l'espace public. Pour cela, nous utilisons comme guides théoriques et méthodologiques des auteurs qui font référence dans le thème de la mémoire, tels que : Pierre Nora, Michael Pollak et Maurice Halbwachs, ainsi que des théories de la muséologie, notamment le concept de « muséalité », de Tereza Scheiner . Les résultats nous montrent, à travers les mémoires muséalisées de chaque groupe, les stratégies de pouvoir des religions actuellement dominantes (pentecôtiste et catholique), tant pour diffuser leurs doctrines, que dans les manières de subalterner et de diaboliser les religions afro-brésiliennes et leurs pratiques. , ainsi que leurs formes de résistance.

Mots clés: Religions, Mémoires, Muséalité, Imperatriz-MA.

Introdução

O presente trabalho é um desdobramento do relatório do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/2020-2021)¹, que nos permitiu pesquisar através de materiais como livros, jornais, fotografias e narrativa oral, aspectos da construção da memória dos pentecostais, catolicismos e religiões afro-brasileiras na cidade de Imperatriz-MA. A partir deste levantamento de fontes, o objetivo desse PIBIC é organizar um museu virtual ou um acervo virtual das diferentes expressões religiosas da cidade, possibilitando assim um espaço *on-line* que possa ser visitado e ser útil aos pesquisadores.

Assim, este artigo propõe-se ao estudo da construção da memória dos grupos pentecostais, católicos e afro-brasileiros de Imperatriz-Ma, por meio do acervo documental, iconográfico e de cultura material fornecido pelos mesmos à pesquisa. O objetivo é analisar as representações da memória desses grupos, buscando as relações entre essas memórias e diferentes aspectos da contemporaneidade como a sua identidade religiosa, suas disputas no campo religioso², sua inserção no espaço público.

A escolha dessas três religiões se dá baseado em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³, em razão da influência política que as religiões cristãs (Pentecostais e Católicas) exercem na cidade de Imperatriz e de que os dados do censo não batem com a realidade das Religiões Afro-brasileiras na referida cidade. Eles não conferem efetivamente por questões de preconceito e discriminação que incide sobre os pertencentes a elas, pois existe receio na autodeclaração junto ao recenseador, havendo muitos afro-religiosos que se identificam como católicos. Vale ressaltar ainda, o grande valor cultural que as Religiões Afro-brasileiras trazem consigo, não somente para esta cidade, mas para todo o país. A partir disso, definimos nosso recorte dentro do campo religioso de Imperatriz-Ma.

Partindo do relatório PIBIC, e para além dele, neste artigo analisamos esses materiais cedidos pelos grupos religiosos, utilizando teóricos que são referência na temática da memória, como: Pierre Nora, Michael Pollak e Maurice Halbwachs e também usamos como categoria de análise a “musealidade”, conforme postulada por Tereza Scheiner. Por meio desses

¹ Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão. “Memórias e trajetórias do campo religioso na microrregião de Imperatriz-Ma”, Código: PVCST1872-2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l3lDKzjSDZE&t=32s>. Esta pesquisa iniciou no primeiro ano de pandemia (2020), em momentos de incertezas, descrença na ciência (principalmente por parte de quem governa o país) e retardo da vacinação, o que dificultou muito nosso trabalho, os resultados aqui apresentados são fruto de muito esforço.

² Entenda-se por campo um espaço relativamente autônomo em relação a outros campos, que possui suas próprias leis, suas próprias regras, marcado por lutas e disputas por um determinado tipo de capital simbólico onde os agentes lutam pelo monopólio do poder que são inerentes ao seu campo. No campo religioso a estrutura é formada por uma rede de relações e conflitos que dita quem deterá a posse legítima do sagrado. Nele as disputas se concentram em torno das diversas ofertas de serviços de caráter religioso aos pertencentes a esse campo. O campo religioso é formado pela ação legitimadora de quem detém o poder do sagrado implicando assim a inferiorização da concorrência e, através disso, continua a legitimar os seus serviços ou práticas como morais e éticas. (BOURDIEU, 2007)

³ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no último Censo (2010), Imperatriz tem o predomínio das religiões cristãs (Católicas e Pentecostais, 78%), enquanto nas religiões Afro-brasileiras o número é bem pequeno (44 pessoas). Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/pesquisa/23/22107>.

autores, buscamos compreender os seus diferentes “lugares de memória”, as implicações dessas memórias na construção da identidade desses grupos e de suas disputas no campo religioso. Propomo-nos ainda, através dessa análise, problematizar se, de alguma forma, esses grupos já possuem seus próprios museus.

Memória e Musealilidade

Para Pollak (1992, p.2), a memória é formada por acontecimentos, personagens e lugares. Segundo o autor, esses três pontos são aquilo que forma tanto a memória individual quanto a memória coletiva. Veremos adiante que as memórias dos grupos religiosos aqui pesquisados estão atreladas a esses três aspectos. Outro ponto importante desse sociólogo para nossa análise está na sua compreensão sobre a memória como “elemento constituinte do sentimento de identidade”, essa identidade é uma “imagem de si para si e para os outros” (POLLAK, 1992, p. 5). E nesse sentido da composição da imagem tanto individual quanto do grupo, “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p.5).

Se é em relação aos outros, “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, p.5). Essa contribuição da percepção dos conflitos de memórias e identidades é imprescindível para entender o campo religioso de Imperatriz.

Em se tratando de memória, Halbwachs (1990) nos oferece a sua contribuição da memória com ênfase na coletividade, pois não lembramos sós, não estamos sós nem mesmo quando separados uns dos outros, nossas lembranças estão sempre povoadas, é sempre coletiva. Tendo em vista que, em Pollak (1992), a memória é um construto e que supõe conflitos e relacionando-se a isto o pensamento de Halbwachs (1990), podemos dizer que onde quer que estejamos levamos conosco as memórias dos grupos ao qual pertencemos, e é também verdade que carregamos todos os valores, representações e conflitos dessa identidade.

Assim, quando a matéria de um jornal é feita com uma determinada temática que deixa claro aspectos da moralidade de um determinado autor pentecostal, ali está contido todo o referencial de onde ele pertence; quando o padre dá uma entrevista para um jornal com maior grau de importância e em dia da maior comemoração religiosa local até então, ali está também toda a representação do grupo ao qual pertence, bem como o pai de santo, ao falar de sua religião como de acolhida a todos os tipos de pessoas, sem excluir ninguém, isso é também falar de valores religiosos do qual ele pertence. Todos explícita ou implicitamente (re)produzindo também uma oposição a outros grupos religiosos.

Não obstante a memória ser ponto relevante deste trabalho, o campo de estudos da museologia é também chave para compreendermos o que queremos dizer por museu. A museologia nos permite pensar museu não como um lugar estático, um imóvel, um prédio, pelos menos não é essa ideia de museu que trazemos para este texto. Esta análise nos vem de Tereza Scheiner (2013), pensando a museologia em seus aspectos filosóficos e trazendo à luz não somente o museu como o “templo das musas”, onde o espaço físico é enfatizado, mas sendo as próprias “musas”, as deusas, *lócus* da memória social e de toda a representação

daquilo que é o museu. Ou seja, são as musas que dão sentido ao espaço, é a memória que dá o sentido e não o espaço a elas.

Nessa compreensão, trabalhamos com a noção de museu não como um lugar físico, estático (ideia tradicional que supõe um edifício e objetos). Para Scheiner (2013) esta é apenas uma das representações do museu, pois na perspectiva dessa pesquisadora, o museu é um fenômeno. A compreensão de museu como fenômeno é fulcral para nossa investigação. Pensar o museu como fenômeno é falar de diferentes espécies de museus e isso se dá através da base filosófica traçada por ela, esta consiste no que ela chama de “relação específica entre homem e realidade” (SCHEINER, 2013, p. 362), partindo daí a musealidade, segundo Scheiner (2013), está no valor atribuído através dessa relação.

Este entendimento é essencial para nossa investigação, pois se o museu é um fenômeno, se este fenômeno consiste exatamente na relação “homem e realidade” e se a musealidade se faz por meio dos valores atribuídos a partir dessa “relação específica”, cada grupo possui seu modelo de representação do real e temos que concordar com Scheiner que “cada modelo de real corresponderá um diferente modelo de museu” (SCHEINER, 2013. p. 364).

Sendo assim, para esta pesquisa conflui tanto a análise da memória quanto a da musealização (que é a operação dessa musealidade específica de cada grupo). No intuito de compreendermos a construção das memórias desses grupos, analisamos as representações das memórias, as relações entre elas e os diferentes aspectos da contemporaneidade como suas identidades religiosas, suas disputas no campo religioso e suas inserções no espaço público, bem como refletimos sobre a sua musealização, a partir dos materiais que nos foram entregues no decorrer da pesquisa.

O artigo está organizado pelos seguintes tópicos: o primeiro intitulado “Guardar a memória do crescimento das Assembleias de Deus”, apresentando e analisando a memória desses pentecostais; depois, “Os lugares de memória dos Catolicismos”, onde o foco está nas representações das memórias católicas; em seguida, trazemos “As memórias vivas e vividas nas Religiões Afro-brasileiras”, destacando suas singularidades em relação às religiões analisadas anteriormente. Por fim, fazemos “Considerações sobre as memórias e as musealidades dos grupos religiosos”, para sintetizar as análises feitas ao longo do texto.

Guardar a memória do crescimento das Assembleias de Deus

No processo para levantarmos fontes a respeito dos pentecostalismos em Imperatriz, tivemos como primeiro informante o prof. Dr. Moab César Carvalho Costa⁴. O procuramos por observar que, ao descrever os caminhos de sua pesquisa de doutorado (COSTA, 2019), ele fala de documentos do pastor Luiz de França Moreira (figura 1 e figura 2). Esse pastor foi o primeiro presidente das Assembleias de Deus em Imperatriz-MA. Segundo Sousa (2002, p. 16): “Não era um homem qualquer, tratava-se de autêntico servo de Deus, o qual foi enviado pela Convenção paraense para assumir a liderança da Assembléia de Deus”. O professor Moab descreve o momento em que recebe esses documentos:

⁴ Doutor em História pela Universidade do Rio dos Sinos (2017), é professor adjunto I do Curso de História da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL (COSTA, 2019). Ele é referência em pesquisa nessa temática na cidade de Imperatriz-MA.

Fomos recebidos pessoalmente por membros da família do Pastor Luiz de França Moreira, mais especificamente por um neto e duas noras. Quão grande foi a nossa surpresa quando nos apresentaram um baú cheio de documentos daquele pastor. Eram documentos pessoais, fotografias, registros cartoriais, certidão de nascimento, óbito, recibos de compra e venda, cartas trocadas com os filhos, documentos das ADs [Assembleias de Deus] e o que mais nos chamou atenção, um conjunto de três cartas e uma resolução conjunta, assinada pelo Pastor Firmino da Anunciação Gouveia, presidente das ADs em Belém do Pará e da convenção do estado do Estado do Pará e pelo pastor Luiz de França Moreira presidente do SETA. Esses documentos revelam no plano regional os reflexos do que ocorria na macroestrutura da CGADB: os conflitos de poder provocados pelas invasões de campos. (COSTA, 2019, p. 207)

Figura 1: Pastor Luiz de França



Foto: FROTA, 2021

Figura 2: Certidão de óbito –
Pastor Luiz de França Moreira



Fonte: Arquivo, Moab César

Esses documentos citados nos foram repassados por cópias fotográficas tais quais ele os encontrou. Do seu arquivo pessoal de pesquisador, ele nos cedeu documentos que possibilitam compreender a formação das ADs (Assembleias de Deus) na microrregião⁵ de Imperatriz, documentos do SETA (Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia) de Carolina, documentos da ADs em Imperatriz como fotografias de 1966, bem como um jornal sobre o papel da mulher na igreja, datada de 1931, além de cópias do Estatuto do SETA de 1961. O professor Moab Costa nos cedeu também cópia de comunicado enviada ao Terceiro Batalhão de Polícia Militar de Imperatriz, datado de 1984, por ocasião da “oficialização da posse do Reverendo Jairo Saldanha de Oliveira na sucessão do Reverendo

⁵ Entende-se por microrregião um agrupamento de municípios que é organizada sobretudo pela produção e inclui áreas tanto urbanas quanto rurais, e neste caso, a microrregião de que falamos neste trabalho é composta pelos municípios de: Açailândia, Amarante do Maranhão, Buritirana, Cidelândia, Davinópolis, Governador Edison Lobão, Imperatriz, Itinga do Maranhão, João Lisboa, Lajeado Novo, Montes Altos, Ribamar Fiquene, São Francisco do Brejão, São Pedro da Água Branca, Senador La Rocque e Vila Nova dos Martírios. Lista de municípios disponível em: <http://dicionario.sensagent.com/Microrregi%C3%A3o%20de%20Imperatriz/pt-pt/>.

Luiz de França Moreira, falecido no dia 15 de julho próximo” (COMUNICADO AO TERCEIRO BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR DE IMPERATRIZ, 1984).

Dos arquivos repassados para esta pesquisa, o professor Moab Costa nos cedeu também cópias de jornal que lembram, em 1985, o primeiro ano do falecimento do Pastor Luiz de França. O dia de sua páscoa foi lembrado como “silêncio de um herói que tombou”, a matéria diz assim:

Faz um ano que a grande Imperatriz de todos nós parou, chorou, lamentou e por decreto lei municipal cobriu-se de luto por três dias! Foi que no dia quinze de julho de 1984, tombava em pleno campo de batalha (Guerra contra as hostes infernais) um herói da fé; o pastor “Luiz de França Moreira”, que veio a falecer aos 86 anos de idade, morte esta, causada por insuficiência pulmonar. Seu corpo foi velado por três dias no templo sede da Igreja Assembléia de Deus, onde pastoreou por mais de trinta anos; seu cortejo foi acompanhado por mais de dez mil pessoas, partindo da Avenida 15 de Novembro até o cemitério São João Batista onde ali foi sepultado. (O MENSAGEIRO DA FÉ, 1985 – Nº 7)

Nesse mesmo jornal e na mesma reportagem, após rememorar o dia do falecimento, a causa e percurso até o sepultamento, é feita uma espécie de denúncia de injustiça à memória do então falecido pastor Luiz de França. Segundo o autor da matéria, Luiz Oliveira, a morte do “herói” teve pouca repercussão fora da cidade que não mereceu sequer uma nota no jornal “O Mensageiro da Paz” do Rio de Janeiro, ao que ele alega injustiça. “Talvez se fosse uma reportagem referindo-se a um deles lá do Rio tivesse sido publicada em primeira mão” (O MENSAGEIRO DA FÉ, 1985 – Nº 7).

Um fato bem interessante é que na mesma reportagem o autor traz um pequeno manuscrito que diz serem as últimas palavras escritas pelo pastor Luiz de França, “já sem tato e trêmulo”, o pequeno e grande escrito diz o seguinte “ESTOU PASSANDO ALGUMAS HORAS NO CALVÁRIO, AGUARDO O DESÍGNIO DE DEUS; PORTANTO ESTOU SATISFEITO COM A VONTADE DE DEUS”⁶ (O MENSAGEIRO DA FÉ, 1985 – Nº 7). Assim é feita a memória daquele que presidiu a IEADI (Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz) de 1954 a 1984.

Consta ainda nesse arquivo fornecido pelo professor Moab Costa, entrevistas que ele fez com o fundador da Assembleia de Deus em Imperatriz-MA, pastor Plínio de Carvalho. Nesta entrevista, o pastor Plínio conta como se deu sua conversão, seu batismo, sua trajetória até chegar a Montes Altos-MA e, após um ano, sua chegada à Imperatriz para aqui fundar a Assembleia de Deus. Temos também outra entrevista, essa feita com Pastor Raul Cavalcante Batista, que é o 7º pastor presidente da Assembleia de Deus e está à frente da Igreja em Imperatriz desde 1993. No arquivo tem ainda algumas edições do Jornal Cidade Esperança, datados de 2011, bem como o jornal “Mensageiro da Paz” que é nominado como “Órgão das Assembleias de Deus no Brasil”.

Em seguida, procuramos o arquivo das Assembleias de Deus que fica no Templo Central da cidade de Imperatriz, situado à Rua Gonçalves Dias, 565, no Centro. O acesso se deu por intermédio do prof. Dr. Agnaldo Silva, professor da UFMA e pastor da Assembleia de Deus.

⁶ Em letras maiúsculas como fez o autor da reportagem, Luiz Oliveira.

Chegando lá, tivemos a acolhida do pastor Agenor Pereira Cardoso que trabalha no arquivo e cuida de todos os documentos. Ele nos concedeu uma breve entrevista e disse que sua tarefa, há mais ou menos 20 anos, é cuidar e guardar os arquivos. O arquivo está num local mal arejado, cheira a mofo e o pastor Agenor até pareceu sentir constrangimento ao abrir a sala para que tivéssemos acesso. Enquanto conversávamos, ele contou que a intenção de guardar essas memórias é de fazer um museu para expor a história da Assembleia de Deus através dos arquivos que ali estão mantidos.

Na ocasião fotografamos um livro antigo com jornais com datas de 16/03/1997 a 11/04/1998. O jornal intitula-se “O Caminho”, na capa está escrito “Jornal da Cidade”. Percorrendo algumas páginas desse jornal, encontramos manchetes expressas em narrativas de sucesso, como: “Templo da Assembléia de Deus é o maior templo do Brasil” (O CAMINHO, p. 9, 16/03/1997 a 29/03/1997). Ali tinha uma fotografia do Templo Central ainda cercado de algumas madeiras fincadas e cercas de arame. Na mesma paginação, em um quadro com destaque sobre o jornal, dizia o seguinte: “O Caminho – Um jornal para preencher o vazio da imprensa evangélica de Imperatriz. Leia-o!” (O CAMINHO, 16/03/97 a 29/03/97).

Seguindo esse mesmo sentimento de crescimento e sucesso, encontramos artigos onde se afirmava que a Igreja Católica se sentia ameaçada em relação às Assembleias de Deus. Na matéria foi usada a foto de um bispo católico, trazendo um artigo do Rio de Janeiro para circular em Imperatriz, com uma forte ideia de conflito e demonstrando assim uma estratégia que reforçava a ideia de crescimento e progresso. O título diz “Encontro das Assembleias de Deus deixa igreja católica assustada” (O CAMINHO, 05/10/97 a 25/10/97), como se o evento produzisse uma vitória em detrimento do sucesso do outro.

Encontramos uma frase atribuída ao pastor Luiz de França quando chega a Imperatriz que retrata bem essa ideia do progresso, “Cidade da Esperança” (SOUSA, 2002, p. 16). Desta frase o pastor Sebastião Clayton interpreta como uma profecia para esta cidade, ele fala dos anos que antecederam a chegada de sua igreja nesta cidade, ele escreve: “Imperatriz, no decurso dos seus 150 anos, viu-se humilhada, desamparada, injustiçada e ultrajada” (SOUSA, 2002, p. 17). Ele ainda diz, “ao comemorar seu centenário em 1952, Imperatriz, Cidade da Esperança, recebeu um grupo de apenas 17 pessoas [...] aqui chegaram com o propósito de plantar uma igreja, cujas portas do inferno jamais prevaleceriam contra Ela” (SOUSA, 2002, p. 17). A isso ele aduna o sucesso tanto religioso como econômico da cidade de Imperatriz, ligando seu grupo religioso a uma memória de prosperidade geral:

A presença do evangelho em uma cidade, modifica completamente o seu comportamento. Desse modo a cidade de Imperatriz tem um povo que intercede, que suplica diariamente pelos governantes, pelo futuro dos seus jovens, e Deus prontamente diz: Eis-me aqui, estou pronto para abençoa-vos. (SOUSA, 2002, p. 18)

Encontramos também manchetes que condenam o casamento homoafetivo, dizendo, “Casamento entre homossexuais joga a Bíblia no cesto de lixo” (O CAMINHO, 16/03/97 a 29/03/97); outras que narram história de conversão, especialmente da passagem de uma religião afro-brasileira para a Assembleia de Deus, “Da escravidão da feitiçaria à liberdade do evangelho” (O CAMINHO, 31/08/97 a 13/09/97), além de manchetes com denúncias de idolatria no contexto brasileiro, mas usando uma foto da imagem da padroeira da cidade,

Santa Teresa D'Avila, um dos maiores símbolos católicos do local, "O brasileiro acredita em Deus, mas não abandona a idolatria" (O CAMINHO, 04/05/97 a 17/05/97).

Realizamos também o registro fotográfico de um álbum de fotos, alguns quadros com fotografias de personagens que já passaram por cargos importantes nas Assembleias de Deus, em Imperatriz. No arquivo, tinha uma quantidade significativa de quadros com fotografias de templos construídos em vários bairros da cidade, mostrando assim uma ampla ocupação geográfica dessa igreja na cidade e conservando também a memória das construções nos diferentes lugares. Dentre essas fotos, estão as dos pastores fundadores das Assembleias de Deus no Brasil e em Imperatriz e encontramos fotos de duas mulheres fundadoras, são elas, Felícia Rodrigues Bandeira (Bilú) e Francisca Bandeira da Silva. Dessas fotografias entregues a nós, havia várias do pastor Luiz de França Moreira e do pastor Plínio Pereira de Carvalho, tanto em molduras como em álbuns; percebemos como a memória desses dois personagens permanece forte ali.

Ademais, foram levantados neste arquivo do Templo Central, os livros: "Histórias das Assembleias de Deus em Imperatriz", uma "edição comemorativa do Jubileu de Ouro". Nele, O Pastor Sebastião Cleyton se propõe a fazer uma narrativa desde a descoberta do Brasil por Cabral, onde ele chama os nativos de "um povo desconhecido e necessitado de Deus" (SOUSA, 2002, p. 19) até um "Histórico do Grande Templo", para falar do Templo Central, maior referência da Assembleia de Deus na microrregião. Outros livros: "Vendo a chuva antes das nuvens", de Daniel Vieira; "Cronograma dos últimos dias: um alerta para todos", de Moisés Vieira; "O Espírito Santo e a Família", de Antônio Dias; "Vale de Bençãos: história, origem, ministério, patrimônio", de João Francisco da Silva.

Havia ali, guardado com muito carinho, o livro da mãe do atual presidente da Assembleia de Deus em Imperatriz, a senhora Judith Cavalcante Romeu, "Prazer em Escrever", no qual ela é denominada como poetisa. Foi o único livro de autoria feminina que encontramos nesse arquivo. Enquanto me apresentava este livro, o pastor Agenor, arquivista, falava da idade desta senhora, ele parecia cheio de muito respeito e admiração por ela, falou com muita ênfase: "ela é a mãe do pastor Raul" (atual presidente da Assembleia de Deus na referida cidade), me situava exatamente o lugar dessa mulher em razão do tamanho do filho.

Outro livro, esse volumoso em páginas é "A Visão do Sacerdote: como ser um empreendedor de sucesso", do pastor presidente Raul Cavalcante Batista. Ele escreveu também: "Olhando pela ótica de Deus vendo como ele vê: o segredo para o crescimento, numérico, espiritual, e estrutural - Os três elementos necessários para a Igreja crescer em qualquer lugar", e o livro "A vida que agrada ao Senhor Deus", de Aldemir Marinho. Esses e outros materiais foram cedidos para esta pesquisa, referente à Assembleia de Deus nesta cidade. Estes títulos indicam tanto a maneira como esse grupo deve proceder para ser abençoado e conquistar a vida eterna e, principalmente, a conquista do espaço social pelo empreendedorismo religioso.

Essas ideias nos fazem perceber como a identidade religiosa local das Assembleias de Deus foi construída, com todos os valores que se deseja inculcar nos fiéis a respeito da religião e daquilo que é aceito ou não. Nesses objetos, fotografias e espaços musealizados, pouco se fala nas mulheres e em seu protagonismo. Em relação às fotografias guardadas no arquivo, as que estão nas molduras para pendurar na parede, que sugerem um grau de importância maior a serem apresentadas aos visitantes, na sua imensa maioria são de homens, como se o

papel que as mulheres ali desempenharam não fosse tão relevante ao ponto de aparecer em fotografias exclusivas, como as dos “heróis da fé”. Outro ponto contundente é a questão da disputa no campo religioso com as outras religiões concorrentes, de quem domina mais, quem cresce mais e de quem tem a verdadeira religião.

Por fim, nos chamou atenção o cabedal de materiais arquivados, evidenciando a importância que o grupo dá à conservação de um determinado tipo de fonte, de objetos e personagens para a construção de sua memória, uma memória da expansão, da prosperidade e do poder masculino.

Os Lugares de Memória dos Catolicismos

Quanto aos catolicismos na cidade de Imperatriz, inicialmente buscamos contato por meios virtuais com o professor José Nilson Oliveira Silva, historiador. Ele nos forneceu um livro que conta um pouco sobre a Escola Santa Teresinha, fundada por religiosas da Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas, e que traz um prefácio escrito por Dom Affonso Felipe Gregory, primeiro bispo da diocese de Imperatriz. O livro “Escola Santa Teresinha: 80 anos educando vidas”, conta a história educacional perpassada pela presença dos religiosos na cidade, bem como, um rico material em fotografias, organizado pelo próprio José Nilson e Gisilda Marilda Pereira.

Neste livro um dos capítulos traz a temática de que “A educação é a vida da cidade”. Interessante é a descrição que este capítulo faz da cidade de Imperatriz, quando as “freiras pioneiras da educação imperatrizense” aqui chegaram no ano de 1924 e fundaram uma escola com “o conceito de aprender a viver bem através de uma educação que tem como valores os princípios do Evangelho” (SILVA; CASTRO, 2004, p.43). A cidade é lembrada pelos autores da seguinte maneira:

Imperatriz era uma pequena e pacata cidade de característica rural, um paraíso urbano onde crianças cresciam livres, soltas, barulhentas, imitando os pássaros que imaginavam bem no coração desse sonho. Um lugar bonito, onde famílias compensavam a fadiga da lida do trabalho com a poesia das águas caudalosas do majestoso rio Tocantins. Um lugar onde os moradores se encontravam na praça da velha igreja, nas noites de festejos, nos dias de missa, e descansavam à sombra de grandes mangueiras que ornamentavam a rua 15 de novembro, sem outra preocupação que não fosse a convivência tranquila e saudável entre bons e velhos amigos. (SILVA; CASTRO, 2004, p. 43-44)

Logo após essa descrição, afirmam que a “Escola Santa Terezinha tornou-se referência regional em qualidade de educação, cultura e religiosidade” (SILVA; CASTRO, 2004, p. 44), em seguida, ainda em sentido do sucesso da escola atrelada ao sucesso educacional de Imperatriz, os autores escrevem: “olhando para as últimas oito décadas – mais da metade da história da cidade –, percebemos a larga contribuição que a Escola Santa Teresinha tem dado à cultura e à educação local”, bem como a compreensão de que “o hoje polo universitário de Imperatriz, certamente, muito tem a ver com a história da escola e o esforço dos educadores que passaram por seus bancos escolares” (SILVA; CASTRO, 2004, p. 45).

Também foi entregue pelo professor José Nilson, um livro que é considerado uma das primeiras obras acerca da cidade de Imperatriz, “História da Fundação de Imperatriz” e “Eu, Imperatriz”, ambos da autora Edelvira Marques de Moraes. Ela fala de maneira breve de vários acontecimentos da cidade, inclusive da presença de escravos e de quando encontrou frei Manoel Procópio. “Este frei é, segundo a tradição oral e escrita, o fundador de Imperatriz, seu nome completo é Frei Manoel Procópio do Coração de Maria”, o mito de fundação está representado conforme (figura 3), abaixo:

Figura 3: Fundação de Imperatriz



Fonte: SOARES, 2017, p. 87

O professor Nilson nos concedeu ainda um livro que foi lançado no aniversário de 30 anos da diocese de Imperatriz, organizado pelo atual bispo de Carolina, Dom Francisco Soares, que na ocasião era presbítero da diocese de Imperatriz, o livro intitula-se “Diocese de Imperatriz: 30 anos”. Os capítulos articulam-se desde a “Primeira noção de Diocese”, passa pela “Evangelificação no Maranhão”, até a “Fundação e Evangelificação de Imperatriz”, contando a história da chegada do fundador religioso, sua trajetória, até a temática de que “A igreja precisava de evangelificação”. Do historiador e prof. José Nilson, recebemos ainda o livro “A leitura popular da Bíblia em Imperatriz”, do padre José Ângelo Figueira, onde o padre parece sentir um terreno meio hostil à prática de uma leitura popular do livro sagrado, diz ele:

Imperatriz é um retrato do complexo pluralismo religioso do Brasil. De um lado, aqui se encontra católicos só de nome, católicos por tradição familiar e católicos de participação ativa e na vida eclesial e na evangelificação, onde o fundamentalismo é bastante visível na renovação Carismática Católica e em outros movimentos devocionais de cunho tradicionalista. Dentro desse contexto, uma leitura libertadora da Bíblia encontra resistência e oposição, porque é muito mais cômodo, para muitos, ser cumpridor de normas e reduzir o seu “ser cristão católico” no “ir uma vez por semana à igreja”, louvar o Senhor Jesus, a aplaudir padres cantores – *pop star* da televisão, os shows-missa, carnaval do Senhor etc.. (FIGUEIRA, 2007, p. 61)

Recebemos também do prof. Nilson alguns livretos como “Reescrevendo a história da Paróquia Santa Rita”, de autoria da Lucília do Nascimento. Ela conta em versos rimados a “História da Criação do Bairro Santa Rita – Início da Comunidade Religiosa e Organização- Passos Importantes Vivenciados até hoje”, e da mesma autora, um folheto breve contando

em versos algo que chama de “Memória do padre Manoel Miguel Cipiano”, religioso, primeiro pároco da paróquia de Santa Rita de Cássia. Também sobre essa mesma paróquia, ela faz versos para contar as “Atividades realizadas pelo padre Mário na Paróquia Santa Rita - fevereiro de 2001 à janeiro de 2006”.

Em busca de material para esta pesquisa, entramos em contato com o casal Conceição Silveira e Jackson Peireira Silveira, membros de um dos movimentos mais antigos da diocese de Imperatriz, surgido desde 1973, quando a cidade ainda era prelazia de Carolina, o Movimento de Cursilhos. Ela nos concedeu uma breve entrevista sobre o Cursilho e de como se organizava, a separação por gênero – que primeiro se fazia os encontros com homens e só depois com as mulheres. A justificativa segundo a entrevistada, era que os homens, entendendo o que acontecia nos encontros, permitiriam que as esposas e filhas participassem também logo depois deles.

Conceição nos cedeu fotos antigas dos primeiros cursilhos masculinos e femininos, alguns documentos como o “Estatuto de Cursilhos de Crisandade do Brasil” que foi aprovado pela CNBB em 12 de dezembro de 1988, livretos feito pelo movimento de Cursilhos para rememorar a história do movimento na cidade quando fez 10 anos, “Decolores: 10 anos Imperatriz-Ma” e “Movimento de Cursilhos do Brasil: 20 anos – Imperatriz – 1973/1993”, onde fala da “Memória dos 20 anos da presença do movimento de cursilhos em Imperatriz-Ma”. Essas memórias são tanto do êxito do grupo quanto das dificuldades de encontrar local adequado para se fazer um retiro desse porte, seguido pela história de quando Dom Marcelino Bicego (foi bispo de Imperatriz quando a cidade ainda pertencia a Prelazia de Carolina) encontra um empresário de Belo Horizonte-MG e através desse encontro nasceu o desejo de implantar em Imperatriz o Movimento de Cursilhos. Abaixo, seguem fotos do primeiro cursilho masculino em dezembro de 1973 (Figura 4) e feminino em julho de 1974 (Figura 5).

Figura 4: I Cursilho Masculino de Imperatriz-Ma



Foto: FROTA, 2021

Figura 5: I Cursilho Feminino de Imperatriz-Ma



Foto: FROTA, 2021

Ainda seguindo o caminho desta pesquisa na temática sobre catolicismo, foi autorizada nossa entrada no arquivo da paróquia de Santa Teresa D'Ávila. Por lá, encontramos alguns livros de registros de batismo e casamentos datados do século XIX, bastante empoeirados, desgastados e armazenados em prateleiras ou armários. Fizemos algumas fotos do livro de registro de batizados que na ocasião, estando com um amigo historiador, fez assinalar que através daqueles nomes e sobrenomes poderíamos pesquisar de maneira mais profunda o

batismo de escravos na região. Fizemos registro fotográfico de atas de desobriga datadas do ano de 1867, em que o padre que fazia os batizados, “Padre Malachias José Fernandes – vigário encomendado”, chamava este local (Imperatriz) de “Vila Nova da Imperatriz”. Adalberto Franklin vai dizer que antes, o nome era “povoação de Santa Teresa” e foi mudado para “Vila Nova da Imperatriz” através da ‘Lei provincial nº 398, de 27 de agosto de 1856’ (FRANKLIN, 2005, p. 56) e que muda “em homenagem à imperatriz Teresa Cristina, mulher do imperador Dom Pedro II, a quem os moradores solicitaram proteção em suas demandas” (FRANKLIN, 2005, p. 57). Essa decisão de mudança, segundo o autor, “foi motivo de muitas controvérsias e acirradas disputas políticas” (FRANKLIN, 2005, p. 56). Encontramos ainda nos arquivos de Santa Teresa D’Avila recortes de jornais de 1984, como “O Progresso”, e de 1985, como “O Liberal: Jornal da Amazônia”, da cidade de Belém-PA e “O Estado do Maranhão”, de São Luís, falando sobre o Festejo de Santa Teresa, ao que tudo indica, sendo um evento de grande porte na cidade. Neste mesmo ano (1985), “O Imparcial”, jornal de São Luís, traz manchete dizendo “Imperatriz louva padroeira”, contendo um longo artigo do então vigário desta Igreja, padre Tarcísio Cardoso da Silva, diz ele que: “Os santos nos são propostos pela Igreja como modelos de ‘Caminho de Perfeição’ que nos levam a conquista do reino” (O IMPARCIAL, 1985).

O padre usa o “Caminho de Perfeição” que é o nome de uma das obras mais importantes de Santa Teresa. Como memória, no arquivo da paróquia está o recorte do jornal “O Progresso”, de 09 de outubro de 1985, onde foi divulgado o decreto municipal que determina o 15 de outubro (festa da padroeira da cidade), feriado municipal. Ainda neste arquivo, encontramos vários livretos de festejo e um datado de 1985 com o trajeto da procissão e cantos espirituais para entoar enquanto a Santa passasse pelas ruas da cidade, o que mostra uma organização. A vista disso, a Igreja Católica local precisou pensar nessa intenção de organização de forma não inocente, pois agora esse dia era feriado municipal, o que implica avançar ainda mais em graus de prestígio no campo religioso e político. Por fim, como material ainda desse trabalho de levantamento de fontes, buscamos algumas monografias do curso de Teologia da Faculdade de Educação Santa Teresinha em que se contam histórias de alguns movimentos da cidade, como a “Legião de Maria”, o “Movimento de Cursinhos”, os “Grupos de Casais”, a “Pastoral Carcerária” e etc.. Ao traçar o percurso da memória dos grupos religiosos católicos até aqui, é possível perceber uma necessidade de resguardar as memórias mais antigas, de contar quem foi que fundou a cidade, quem foram as pioneiras da educação, como os grupos iniciaram, que determinado movimento está entre os mais antigos (primeiros).

Como diz Pierre Nora (1993, p. 17) “o dever de memória faz cada um o historiador de si”, como se os grupos e indivíduos estivessem imbuídos de uma necessidade de contar e guardar suas memórias por escrito, para guardar a primazia, a memória inicial dos acontecimentos nesta cidade, que reverbera em uma indispensável história objetivada em detrimento de uma memória espontânea. Pois, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13).

Retomando o fragmento da fala do padre no trecho do livro “A leitura popular da Bíblia em Imperatriz”, percebemos a tensão que há entre grupos de linha mais carismática e

tradicionalistas em relação aos que tem uma visão mais progressista e popular a respeito da fé e das sagradas escrituras. De certa forma, é conflito de grupos no interior do grupo maior que é a Igreja Católica, ou poderíamos dizer na noção de campo de Bourdieu (2003, p.21), com seus campos ou subcampos.

Perceber isso nos permite ponderar melhor esse aspecto das disputas que é ponto marcante para este sociólogo. Essas rinhadas não são difíceis de notar ao ler o livro do padre Figueira, quando ele se opõe aos grupos que citou. Ele diz também que “ao ler a Bíblia, o povo tem nos olhos os problemas, a realidade em que vive, ou seja, lê a Bíblia com os óculos de sua própria história e realidade” (FIGUEIRA, 2007, p. 61). Assim, conhecendo o sentido do jogo, os grupos disputam entre si elementos de prestígio, e o padre faz o leitor entender que o citado grupo carismático/tradicionalista não se compromete com a realidade. Portanto, ao dizer que em Imperatriz “uma leitura popular da Bíblia encontra resistência e oposição”, significa também admitir que o outro grupo, possui o monopólio do poder dentro desse campo religioso.

Ao mesmo tempo, desejar que a leitura popular da Bíblia tenha maior aceitabilidade e chegue a ser a leitura principal é querer de certa forma ter esse monopólio. Nota-se que o padre é consciente de que os programas de TV e os “padres cantores pop star” tem maior número de adeptos, e que estar nesses lugares midiáticos e de maior alcance visual são privilégios pelo qual determinado grupo pode alcançar ainda mais fiéis para si, crescendo cada vez mais.

Em se tratando do dia 15 de outubro, neste dia, a cidade paralisa suas atividades comerciais e profissionais por causa da memória religiosa que se fez oficial, e parte dos seus habitantes conduzem uma procissão que vem pelas águas para rememorar o mito fundacional de Imperatriz⁷ – da chegada da Santa com frei Manoel Procópio (ele chega pela única via de acesso da época, o rio Tocantins), uma memória construída que a cada ano vai sendo alimentada através dos lugares (rio Tocantins – Igreja de Santa Teresa D’Ávila), da data (15 de outubro), da imagem (Santa Teresa D’Ávila) e pelos ritos de fé da Igreja Católica, mas, sobretudo, pelo povo que com fé caminha pelas ruas da cidade, até mesmo com pés descalços, cantado ou debulhando seu rosário, pedindo ou agradecendo alguma graça que atribuem a intercessão da Santa Teresa, a mesma santa poderosa que trouxe o fundador religioso até Imperatriz e a quem ele atribuiu “o patronato da missão” (FRANKLIN, 2005, p. 44).

E qual era a missão deste frei? Segundo Franklin (2005), era sobretudo colonizar este local e os indígenas que habitavam esta região, mas se fizermos essa pergunta a um dos fiéis que passam naquela procissão, provavelmente terão uma visão mais positiva, dirão que sua “missão era evangelizar e trazer a fé católica ou a salvação para este lugar”, ou, talvez nem saibam que o sentido da procissão seja manter viva essa memória de fé, que foi forjada ao decorrer de todos esses anos.

É possível que a maioria das pessoas estejam ali pela fé numa memória que elas mesmo ignoram, a memória se bifurca, é como se fosse possível uma memória dentro da própria

⁷ Para Marilena Chauí (2001, p.10) o mito fundador “impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com o passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal”.

memória. É a representação da memória de fé que carregam consigo durante o trajeto procissional. Enquanto a memória histórica carrega o acontecimento (o gesto colonizador), a memória de fé é construída na intercessão da santa, pois o povo está ali para agradecer ou pedir novas graças.

São, sobretudo, o rio, a Igreja e a imagem que carregam as representações da memória de fé. A imagem original (aquela que chegou com frei fundador) fica guardada o ano todo numa sala da própria igreja de Santa Teresa, e somente no dia da Festa, após passar por nove dias de orações, missas, súplicas e preparações é que essa imagem desce para caminhar com o povo, como caminhou com o fundador religioso de Imperatriz. É sem dúvida alguma, como podemos constatar, uma memória fundacional.

As memórias vivas e vividas nas Religiões Afro-brasileiras

Nas religiões afro-brasileiras em Imperatriz, para esta pesquisa, foram visitados três terreiros, são eles: “Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição”, da Mãe Meire Dalva, que fica localizada na Vila Macedo; “Tenda de Umbanda Nossa Senhora Aparecida”, do pai Salim de Ogum, na vila JK e “Tenda de Umbanda Nossa Senhora Santana”, da Mãe Juliete Torres, situada no bairro Vila Redenção⁸.

Nessas casas nos foram concedidas algumas entrevistas. Nota-se que para essas religiões o que conta é a oralidade, elas não dispõem de acervos materiais bibliográficos contando suas histórias, o que reforça ainda mais a necessidade de pesquisas como esta; o que prevalece também nessas religiões é a ideia de “missão”, foi uníssona entre as pessoas entrevistadas a frase: “ser médium não é opção é missão”.

Na tenda da Mãe Meire Dalva, ela nos explicou o porquê do nome de sua tenda ser “Nossa Senhora da Conceição”, que sua casa existe há mais ou menos dez anos, nos deixou livre para fotografar, falou que não dispõe de fotografias antigas da casa, que se perderam todas. Ainda assim, nos cedeu fotografias feitas por ela do “Diploma de Sócio Umbandista” (Figura 06), que reconhece a tenda como filiada à “União Espírita de Umbanda do Maranhão”, expedido pela cidade de Bacabal-MA. Outro documento que a nós foi cedido, via fotografia, foi a “Credencial” com data de 29 de dezembro de 2014, concedendo “Licença” para o “funcionamento de sessões espíritas umbandistas, terreiros, tendas, etc...”.

⁸ Também estivemos presente na primeira “Audiência Pública: reivindicações dos povos de terreiros da região tocantina”, ocorrida no dia 11 de novembro de 2021, e no segundo “Encontro de Terreiros de Imperatriz” que aconteceu na concha acústica na Beira Rio, dia 14 de novembro de 2021. Participamos ainda da “Plenária com Terreiros de Imperatriz: Equipe de certificação e mapeamento de terreiros SEIR” que aconteceu dia 14 de dezembro de 2021 no auditório da Secretaria Municipal de Saúde de Imperatriz.

Figura 06: Diploma de Sócio Umbandista



Foto: Mãe Meire Dalva

Nesta casa, foi possível fotografar a Mãe Meire Dalva vestida no dia da festa de sua entidade de comando, que é a Cabocla Jarina. Ela passa somente uma vez por ano na festa de Nossa Senhora dos Navegantes/Iemanjá. A foto da Jarina (Figura 07) está numa moldura na parede do terreiro, demonstrando o respeito pela entidade e a quem pertence o comando espiritual da casa. Na foto se vê Meire Dalva, mas no momento em que a fotografia foi feita, no transe, ela representa a Cabocla Jarina.

Figura 07: Fonte de Iemanjá - Cabocla Jarina,
Patrona da Casa.



Foto: FROTA, 2021

O terreiro da Mãe Meire Dalva foi visitado três vezes durante a pesquisa e lá foram coletadas entrevistas, e uma delas foi realizada com uma filha de santo recém-adepta da religião da umbanda e que anteriormente havia sido evangélica. Ali a recém ingressa está fazendo o trânsito para a mediunidade. Mulher preta, 21 anos, 3 filhos e marido não praticante da religião. Durante a entrevista, perguntei sobre a situação de já ter sido de uma denominação evangélica e agora fazer parte de religião cheia de imagens, ao que ela respondeu que está aprendendo tudo, aprendendo a respeitar, a se relacionar com os orixás e os santos e que a sua Mãe de Santo lhe confere todo esse aprendizado.

Fizemos entrevista também com dois batazeiros que contaram suas trajetórias a partir de quando começaram a tocar tambor e assumiram essa missão na religião. O senhor Zacarias

de Sousa Barbosa, batazeiro ou Ogã⁹ (o mesmo se denominou “ogã”, que é expressão usada no Candomblé), toca tambor desde os 12 anos de idade, tendo agora 59 anos. Ele diz, “tô até agora dentro da macumba e sou feliz”. Ele falou mais de uma vez que não tem vergonha disso, e quando repetia isso na entrevista, deu a entender que tem consciência do preconceito das pessoas com a religião que ele pratica. Seu Zacarias nos cedeu uma fotografia de sua carteirinha de batazeiro (Figura 8) e disse que sua missão de Ogã é muito importante, dado o valor que a música tem dentro dos rituais da religião, e que em Imperatriz são bem poucos.

Figura 8: Carteira de Batazeiro

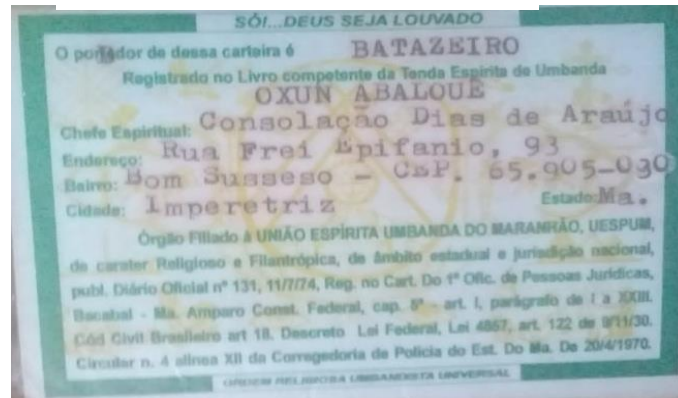


Foto: Zacarias de Sousa Barbosa

Na casa de pai Salim de Ogum, visitada duas vezes durante essa pesquisa, também coletamos uma entrevista sobre sua trajetória de vida, situada no descobrimento de sua espiritualidade. Ele disse, “não se torna um médium, se nasce médium” para falar de acontecimentos na sua infância (por volta de “7, 8 a 9” anos de idade), que sinalizavam sua mediunidade, coisa que sua própria mãe, mesmo sabendo, não queria aceitar, e aqui ele disse: “as pessoas denegrem muito a imagem da umbanda”. Aos 12 anos de idade, Salim sai de sua cidade Natal, Santa Luzia do Tide e vem para Imperatriz, aos 13 anos de idade “começa iniciação no santo” e passou “13 anos em desenvolvimento”, ele disse que “o terreiro é uma escola” e lá ele aprendeu e desenvolveu sua mediunidade.

Em 12 de outubro de 2010, “abriu-se a casa do santo” chamada “Tenda de Umbanda Nossa Senhora Aparecida”. Esta casa está em construção há dois anos, depois de uma grande enchente que destruiu muita coisa. Estão fazendo isso contando com pequenas contribuições, feijoadas promovidas pelos filhos da casa e enfrentando todas as dificuldades de um bairro

⁹ Para alguém que desconhece da religião, pode parecer que o Batazeiro ou Ogã é somente o responsável pela musicalidade de um terreiro. Mas seu Zacarias explica que vai além: um Ogã conduz toda a energia de uma gira. Leonardo O. de Almeida em sua pesquisa de mestrado vai falar de Ogãs em terreiros de Umbanda em Fortaleza e no tópico sobre “Agentes, atos, representações e mana: elementos da magia” ele diz que “O ogã é um **especialista** que **domina determinados conhecimentos específicos**, é portador de saberes especiais que conferem **prestígio** e o torna objeto de **fortes sentimentos sociais**. Atribui-se a ele uma destreza e uma ciência incomum. Não é à toa que em uma comunidade religiosa de cerca de 30 membros, apenas um tenha passado por ritos de iniciação para a função de ogã. Ocupa, portanto, posição diferenciada na comunidade religiosa.” (ALMEIDA, 2014, p. 6).

periférico, uma religião ainda discriminada e as dificuldades socioeconômicas do momento atual, é um ato de resistência reerguer o salão.

Pai Salim nos contou na entrevista que seu patrono e desembargador de corrente é o Rei Sebastião, que passa na casa uma vez ao ano e sempre dia 12 de outubro, disse ele, “eu fui escolhido por Deus”. Antes de abrir o lugar santo, onde fica todas as esculturas para que essa pesquisa pudesse ter registro em imagens, o Pai Salim nos contou um pouco sobre seu patrono e depois segurou com suas mãos uma fotografia do Rei Sebastião em sua cabeça. Essa foto do Rei Sebastião fica sempre dentro do salão, porque é muito importante que se lembre daquele que esperam a sua chegada uma vez ao ano, disse ele:

Meu patrono é Rei Sebastião. No mundo espiritual da umbanda existe três reis: Rei Sebastião que é rei de encantoria, Rei Salomão que é rei de sabedoria e Rei Légua Boji que é rei de força. Pra mim e para as pessoas é um privilégio, são poucas pessoas médiuns que recebem Rei Sebastião, aqui em Imperatriz, por exemplo, eu praticamente não conheço ninguém. Ele (Rei Sebastião) passa dia 12 de outubro. Às 10 horas da manhã ele me apanha e 12 horas ele vai embora. Ele passa 2 horas em terra e nessas 2 horas ele faz o batismo dos médiuns que já estão prontos. (Pai Salim de Ogum, em 21 de junho de 2021)

Pai Salim, após ressaltar as ações caritativas realizadas pelo seu terreiro, como promover festa do dia dos pais, dia das mães, distribuição de brinquedos no dia das crianças, doação de cestas básicas para famílias carentes do bairro, ainda contou sobre preconceito para com a religião da umbanda, na sua fala trouxe o seguinte: “As pessoas tem muita discriminação pela religião, então assim, porque foi criada por uma raça preta, de pobres e analfabetos, isso faz a sociedade pensar que na umbanda só existe pessoas pretas, pobres, ignorantes e analfabetas. E não é.”

Pai Salim pegou dentre as imagens dos santos que estavam numa mesinha, a do Rei Sebastião ou a representação do Rei Sebastião, em uma das vezes que ele desceu na cabeça de Pai Salim (Figura 09), a foto estava empoeirada por conta da construção. Ele limpou rapidamente, segurou e pediu que a gente registrasse porque a foto está desde a abertura do terreiro, ou seja, é algo que carrega um valor muito grande para ele. Depois, nos entregou para fotografar seu diploma de sócio umbandista da União Espírita de Umbanda do Maranhão – Federação Brasileira, também expedida pela cidade de Bacabal.

Figura 09: Rei Sebastião



Foto: FROTA, 2021

Os documentos expedidos pela cidade de Bacabal caracterizavam a ausência de órgãos legais que respaldassem essas religiões na cidade de Imperatriz, criando a necessidade de buscar esses serviços em outras cidades, como Bacabal e São Luís. Pai Salim nos falou que já iria para 10 anos sem presidente na Umbanda de Imperatriz, o que os deixavam desassistidos nesse sentido.

Na Tenda de Umbanda Nossa Senhora Santana, da Mãe Juliete Torres, visitamos o dia da festa em honra a padroeira Nossa Senhora Santana, em julho de 2021. Lá observamos que nas paredes do salão havia três fotografias da Mãe Irenilde Silva Torres (Figura 10), primeira mãe da casa e falecida em 17 de maio 2012. Diferente da casa da Mãe Meire Dalva e do Pai Salim, essas fotografias, segundo a Mãe Juliete, não representavam nenhuma entidade, mas foram presentes recebidos por sua mãe e então colocadas nas paredes do salão. Assim lembram-se da mãe fundadora da casa, Juliete, mãe dessa casa há 11 anos, não tem nenhuma foto sua no salão.

Figura 10: Irenilde Silva Torres



Foto: FROTA, 2021

Outro ponto observado e pertinente para esta pesquisa foi a inversão dos papéis tradicionais de gênero¹⁰ entre a Mãe Juliete e seu esposo que também é médium, Juremeiro Celson. Durante a festa maior da casa, ela fica no salão, regendo os momentos espirituais e ele no cuidado com as crianças. Percebemos isso no momento que fomos entrevistá-lo, ele falava conosco e ao mesmo tempo cuidava do filho que tomava banho e balançava o bebê no colo; enquanto a criança chorava, ele o ninava e mudava de posição de um braço para o outro como quem procurava a melhor maneira de fazê-lo se sentir bem. Houve também um momento que pudemos registrar a Mãe Juliete sentada e o bebê que havia adormecido no seu colo, essa cena fez-nos perceber como a mulher é importante, chega ser indispensável nesta religião.

Para entrarmos nos movimentos públicos que aconteceram em 2021 em relação a Umbanda em Imperatriz, nós lembraremos da entrevista com o Pai Salim. Essa entrevista foi realizada em junho de 2021, quando ele dizia haver 10 anos “sem presidente da Umbanda em Imperatriz”. Mas já em 11 de novembro desse mesmo ano, aconteceu na Câmara Municipal da cidade a 1ª audiência pública intitulada, “Reivindicações dos povos de terreiros da região tocantina”. As religiões afro-brasileiras em Imperatriz e região já contavam com nova presidência, e denominaram o órgão de “Associação de Terreiros de Cultura e Religião de Matriz Africana da Região Tocantina” (ASTERCMA). Dois dias após o movimento de reivindicações legais diante do poder público, os povos de terreiros fizeram uma manifestação ao ar livre no principal espaço público e ponto turístico da cidade, que é a Beira Rio.

Na audiência pública, a Mãe Leia Alves, presidenta da ASTERCMA, relatou que teve dificuldades em ter acesso ao espaço público da Beira Rio para o evento “Encontro de Terreiros de Imperatriz: em alusão ao dia da Umbanda e a semana da Consciência Negra”. Ela disse que ao solicitar o local aos órgãos responsáveis (indicando haver ali “secretários evangélicos”), teve a resposta de que não poderiam ceder o local porque “dia de domingo na Beira Rio tinha a presença da sociedade”, ela interrogou: “e nós somos o quê? Somos sociedade também, somos humanos também, somos religiosos também”¹¹, ela continuou a falar sobre a situação:

“Queriam nos barrar pra não fazer o nosso evento na Beira Rio só pelo fato que era um dia de domingo, e lá a sociedade ia está lá. Então, muitas vezes nós nos ocultamos de tudo porque há preconceito, o preconceito tá vindo (não falo de todos e nem vim aqui para ofender, vim aqui para pedir ajuda e socorro) das autoridades, porque é de denominação de religião diferente, tem um ver diferente” (Mãe Léia Alves, 2021)

¹⁰ Conforme pontua Guacira Louro (2003, p. 23), refletir gênero exige “que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos”. A autora ainda nos mostra reflexões que pensam o “gênero como constituinte da identidade dos sujeitos”, o que nos leva a compreender esses “sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias” (LOURO, 2003, p. 24).

¹¹ Todas as falas da Mãe Leia Alves bem como toda a audiência pública podem ser conferidas através dos links: <https://youtu.be/-NL0C1d4uIM> ; <https://youtu.be/qkF-37hH25I> .

Dentre as reivindicações que a presidenta da Associação trazia, estava o sofrimento do seu povo, a dor, o preconceito sofrido, ela manifestava em sua fala não só uma situação recente, mas trazia uma memória de discriminação e de resistência que se perpetua até os dias atuais, podemos conferir:

Pedimos apoio da OAB e ao defensores públicos gratuitos ao nosso povo que tanto sofre preconceito e agressão verbal e até mesmo física (acontece da gente ser agredido nas ruas em alguns eventos) e pedimos também que esses defensores públicos chegassem a nos socorrer, a nos ajudar, nos apoiar gratuitos também ao nosso povo que sofre essas agressões. E o nosso povo se sente impotente diante de uma sociedade racista e preconceituosa com a nossa religião que não nos aceita como religiosos e sim como seitas satânicas, e... os nossos templos ser ocultos ainda, somos um povo que trabalhamos, nós não temos os nossos templos em praças, não é?!, nós temos os nossos templos e todos que aqui estão sabem, ou é do lado da casa dele ou é no fundo do quintal, porque os nossos templos são vistos com muito preconceito diante de toda a sociedade. Os nossos irmãos de terreiros, chamo a atenção das autoridades, que vejam que nem todos vieram, não é porque eles não querem se unir, são pessoas calejadas, são pessoas que já foram agredidas, são pessoas machucadas psicológico, da sociedade preconceituosa, então ainda também pra nós é uma dificuldade juntar o nosso povo e trazer pra rua e trazer diante das autoridades porque eles se sentem impotentes, já foram muito magoados, já foram massacrados pelo preconceito, mas a gente tá aqui, a ASTERCMA fundada dentro de Imperatriz e toda região pra juntar esse povo pra nós dar a nossa voz como cidadãos também. A nossa religião, as nossas casas, nós pregamos a boa conduta, a reverência ao sagrado, e uma boa conforto espiritual a família e o moral. Aceitamos e abraçamos a diversidade de gêneros e apoiamos cada um cuidar de si próprio já que nós preservamos e pregamos o Espiritismo, os nossos ancestrais [...] pedimos um basta na intolerância religiosa, pedimos também que isso comece com o apoio das nossas autoridades. (Mãe Leia Alves, 2021)

Na “Plenária com Terreiros de Imperatriz: equipe de certificação e mapeamento de terreiros SEIR” que aconteceu dia 14 de dezembro de 2021, no auditório da Secretaria Municipal de Saúde de Imperatriz, foram entregues alvarás de funcionamento aos pais e mães de santos de Imperatriz e região, essa foi uma das conquistas da Associação de Terreiros de Cultura e Religião de Matriz Africana (ASTERCMA).

Em vista da nossa pesquisa, procuramos trabalhos acadêmicos, vídeos antigos de giras, documentários, fotos. Encontramos um livro intitulado “Incidências da cultura afro em Imperatriz”, de autoria de Veríssima Dilma Nunes e Milene Vieira Santos Rocha, com a colaboração dos acadêmicos de pedagogia da Faculdade de Educação Santa Terezinha. Também localizamos um trabalho de conclusão de curso (TCC) do curso de História da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão UEMASUL - Campus Imperatriz, o trabalho traz o título “Religiosidades Africanas em Imperatriz-Ma: Candomblé e a Umbanda (2008-2018)”, de Karoline Sousa Costa, que faz nesse trabalho uma cartografia dos terreiros na cidade e traz informações de terreiros ativos e inativos à época. É um trabalho extremamente importante.

Encontramos ainda uma dissertação de mestrado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, no Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Ambientais e

Saúde. Essa dissertação de Érika Ferreira Tourinho tem como título “A Educação Ambiental nos Terreiros: uma prática para o favorecimento da saúde e para o fortalecimento da cultura africana nos centros umbandísticos de Imperatriz-Ma”. Ela é construída a partir do Terreiro Nossa Senhora Sant’Ana, por ter no quintal da casa uma diversidade de plantas medicinais utilizadas para cura de doenças do corpo e da alma. Érika Tourinho fala de saúde e de educação. O trabalho conta com entrevistas, fotos e muitas informações acerca do terreiro que também foi visitado por nós em virtude desta pesquisa.

Os povos de religiões afro-brasileiras que visitamos em Imperatriz não possuem nenhuma sala de livros, não tem bibliotecas, não tem uma infinidade de jornais como pentecostais e católicos, não tem sequer fotografias mais antigas de suas festas e tudo que tem a transmitir a respeito de sua vida é por meio da oralidade. Uma vez que “não há diferença entre fonte escrita e fonte oral” (POLLAK, 1992, p. 8), essa oralidade necessariamente precisa ser tomada com a mesma seriedade que as palavras em papel.

Em se tratando do estudo da memória, percebe-se que Pai Salim fez sua trajetória de vida em “estilo cronológico” (POLLAK, 1992, p. 13), ele foi seguindo as datas, como sua idade, o ano em que se descobre médium, o seu caminho até ser pai de santo, mostrando assim uma organização em sua maneira de relatar sua história. Pollak, ao analisar os depoimentos das deportadas francesas, viu que “o estilo cronológico estava correlacionado com a característica de um grau mínimo de escolarização. Isto é, pensar em si próprio em termos de duração, de continuidade, e situar-se em termos de meio e fim”, ele completa que isso “não era simplesmente natural” e que os relatos que se encaixavam nesse estilo “era fortemente correlacionado com a presença de uma socialização política” (POLLAK, 1992, p. 13).

É válido notar isso, pois Pai Salim havia mencionado em sua fala que as pessoas associam a sua religião com uma memória que representa pobreza, analfabetismo, a cor da pele, e ao traçar sua história ele a faz de maneira a percebermos que a Escola do Terreiro que o formou é também válida, é também importante. Quando anuncia “o terreiro é uma escola”, ele está dizendo que foi ali que ele foi formado, e que foi através dessa formação que ele se organizou de tal maneira a desenvolver sua mediunidade e ser hoje pai de santo de uma das tendas mais conhecidas em Imperatriz, Tenda de Umbanda Nossa Senhora Aparecida.

Esse aspecto da educação é muito interessante e merece ser refletido: a educação de um filho ou filha de santo. A mulher que está fazendo o caminho da sua mediunidade na casa e sob orientação da Mãe Meire Dalva e a fala do Pai Salim, “o terreiro é uma escola”, confluem na maneira de perceber essa educação pela oralidade e pela vivência prática e ressaltar isso é pensar na existência, nos terreiros, daquilo que Pierre Nora chama de uma “memória espontânea” (NORA, 1993, p.13). Ou seja, uma memória muito mais cotidiana, que não está atrelada a livros, cartilhas, monumentos, e outras cristalizações da memória. A filha de santo que chegou a pouco tempo não está aprendendo lendo manuais, ela aprende na própria vivência de uma memória que é espontânea e viva.

Deste modo, constatar que na casa da Mãe de Santo Meire Dalva, do Pai Salim, ou na casa da Mãe Juliete não tem um local de arquivos em que a filha pode ir lá, estudar e conferir, não tem também edições semanais ou mensais de jornais, nos faz compreender que esta memória não é incipiente, pelo contrário, pois o que os novos adeptos e adeptas devem aprender está escrito na vida dos seus líderes e de um povo que agora é o povo religioso ao qual pertencem.

Mais um ponto a ser tocado e que demonstra ser um tanto curioso em relação às religiões afro-brasileiras é o protagonismo feminino e o apoio à diversidade de gênero. Enquanto nas religiões cristãs aqui já descritas, a mulher quase não aparece como protagonista, nas religiões afro-brasileiras a mulher aparece frequentemente como a Mãe de Santo, ocupando o cargo de maior importância dentro desses grupos. Nas religiões cristãs, geralmente, os homens dirigem o culto e as mulheres cuidam dos filhos, nas religiões afro-brasileiras esses papéis sofrem inversão; enquanto nas religiões cristãs a diversidade de gênero ainda é tabu, as religiões afro-brasileiras vão para uma audiência pública reivindicar não somente a igualdade racial, mas se mostrarem solidárias aos direitos dos LGBTQI+¹².

Por fim, a memória dessa religião é uma memória viva, é uma memória dos antepassados, uma memória de luta e resistência que na fala da presidenta da ASTERCMA aparece como um ocultamento: “muitas vezes nós nos ocultamos de tudo porque há preconceito”. Esse preconceito advém de uma memória oficial que oprime e oculta essas memórias nos subterrâneos da sociedade (POLLAK, 1989, p.4). Os religiosos que ela cita e que queriam impedir o evento da sua religião em face de um “constrangimento para a sociedade”, na verdade protegem uma memória que está na superfície, e que se mantém hegemônica no poder em detrimento das outras memórias que por essas forças, até mesmo políticas, são empurradas ao ocultamento, ao silêncio.

Considerações sobre as memórias e as musealidades dos grupos religiosos

Tendo passado por esses pontos, nos perguntamos sobre a questão da musealidade, o que dizer a respeito desta categoria em relação ao nosso trabalho? Percebemos que tanto os pentecostais das Assembleias de Deus quanto os católicos têm o desejo de estruturar um museu (aos moldes do que é tradicionalmente conhecido) e esses grupos alimentam esse projeto tendo em vista seus incontáveis patrimônios materiais aqui já descritos. De certa forma, eles já possuem esse tipo de museu, enquanto espaço físico, ainda que não organizado profissionalmente. Nesse sentido, diríamos que em termos de uma musealidade tradicional (a que a maioria das pessoas compreende por “museu”), os grupos de religiões afro-brasileiras não teriam seus museus.

Por outro lado, se passamos a refletir sobre o museu como fenômeno e não como uma instituição, isso nos permite perceber, no entendimento de Tereza Scheiner, que os pequenos objetos ou patrimônios guardados por esses grupos são carregados de sentidos, já que “cada grupo produz suas memórias”, e que essas memórias são vivas. Tereza Scheiner pensa essa relação como algo que torna cheio de sentidos objetos/práticas/valores (ou seja, patrimônios materiais ou imateriais) que as pessoas veem como importantes para compreender seu mundo, sua história, sua identidade.

Isso diz respeito à relação entre humano e realidade, o que esses objetos/práticas/valores são capazes de reverberar na/da realidade de cada grupo, e em cada sujeito desses grupos no âmbito espiritual, emocional e cognitivo. Essa é a “musealidade”, enquanto categoria que

¹² Conferir: <https://youtu.be/-NL0C1d4uJM> ; <https://youtu.be/qkF-37hH25I> .

nos ajuda a entender essa “relação específica” dos grupos com o seu mundo e a sua memória, para além de um lugar, e de uma institucionalização dessa memória.

Nessas memórias que foram guardadas e nos foram transmitidas por esses diferentes grupos religiosos, é possível perceber as disputas entre as religiões, sobretudo do pentecostalismo e catolicismo, pelo predomínio no campo religioso local. Observamos ainda, o esforço de doutrinação intolerante por parte dos pentecostais em relação aos grupos de matriz africana e católicos, acusando-os de feitiçaria e/ou de idolatria, seitas satânicas. Vê-se bem que em tempos distantes, houve o interesse de se usar meios de comunicação impressos, como jornais, para difundir a fé e doutrinar os fiéis, bem como garantir espaço através dos vários discursos, seja ele sobre a noção de sucesso por parte dos assembleianos, seja da busca de alargar seus horizontes religiosos e comerciais-financeiros dos festejos católicos, bem como tornar oficial e conservar para si uma memória fundacional de Imperatriz.

Outro aspecto que nos chama atenção nessas memórias em todas as religiões pesquisadas são as relações de gênero. Seja pelo (não) discurso do papel da mulher na fundação e expansão das Assembleias de Deus, seja como segunda opção na participação dos encontros na Igreja Católica (após aprovação dos maridos) e, por fim, seja pelo fato de percebermos um protagonismo feminino na liderança dos terreiros visitados, além de uma maioria de mulheres entre as pessoas vistas neles, e incluindo em suas lutas a diversidade de gênero.

Por fim, a comparação entre as diferentes memórias musealizadas (musealidades), nos permite dizer, como Scheiner (2013), que cada um desses grupos possui seus próprios museus, seja através da materialidade, dos objetos que os grupos possuem, seja através da oralidade¹³, cada um desses grupos atribuindo valores a essas memórias através das diferentes relações que com elas estabelecem; cada grupo com suas percepções do real e por isso mesmo surgem dessas diferentes relações, diferentes modelos de museu e não somente um baseado em um mito que favorece a um modelo burguês (SCHEINER, 2008). No entendimento de Tereza Scheiner, o mito acerca de um único modelo de museu (tradicional) tende sempre a propagar e a naturalizar suas representações, representações de uma memória que quer sempre se manter no poder.

Romper com essa ideia do museu “templo das musas” e voltar para as musas que trazem “à luz da presença, o que se ocultava na noite do esquecimento (não ser)”, é aceitar o museu como “fenômeno” e por isso mesmo compreendê-lo como “livre e plural” (SCHEINER, 2008 p. 61). É sobre essa musealidade criativa e plural desses grupos religiosos em Imperatriz-MA, que procuramos compreender nesta pesquisa.

Assim, o fato da expressão “eu fui escolhido por Deus” ser proferida por um pai de santo destoa da compreensão sobre os afro-brasileiros de católicos e pentecostais, como aqui apresentada, porém, cada um desses grupos considera-se especial e guarda em suas memórias escritas/orais a inquestionável fé de que são “escolhidos por Deus”. E nessa “relação específica” com as suas percepções do divino, que para eles também são reais, constroem suas memórias e musealidades.

¹³ Vale ressaltar que o museu nasce na e da oralidade. Ver: Scheiner (2013, p. 364).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Leonardo Oliveira. **“Eu sou o ogã confirmado da casa”**: dilemas da profissionalização e consagração religiosa de ogãs em terreiros de umbanda em Fortaleza. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto 2014, Natal/RN. Disponível em: https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402020769_ARQUIVO_TrabalhocompletoRBA.pdf. Acesso em: 22/08/2021.

BARROS, Edelvira Marques de Moraes. **Eu, Imperatriz**. 2ed. Imperatriz-Ma: Academia Imperatrizense de Letras; São Luís: AML, 2012.

BATISTA, Raul Cavalcante. **Olhando pela ótica de Deus vendo como ele vê**: o segredo para o crescimento, numérico, espiritual, e estrutural - Os três elementos necessários para a Igreja crescer em qualquer lugar. Belém-Pa: Editora Semin- Semente Incorrutível Publicações, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2003.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

CÂMARA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ. AUDIÊNCIA PÚBLICA - 11.11.2021- quinta-feira. Disponível em: <https://youtu.be/-NL0C1d4uJM> ; <https://youtu.be/qkF-37hH25I> . Acesso em: 06/03/2021.

CLÍMACO, V. D.N.; ROCHA, M. V. S. **Incidências da Cultura Afro em Imperatriz –Ma**. Imperatriz-Ma: Ethos, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

COSTA, Moab César Carvalho. **O Aggiornamento do Pentecostalismo Brasileiro**: as Assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

ÉRIKA, Ferreira Tourinho. **A Educação Ambiental nos Terreiros**: uma prática para o favorecimento da saúde e para o fortalecimento da cultura africana nos centros umbandísticos de Imperatriz-Ma. Dissertação (Ciências Ambientais e Saúde). PUC-Goiás, 2013.

FIGUEIRA, José Angelo. **A leitura popular da Bíblia em Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2007.

FRANKLIN, Adalberto. **Breve História de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. 2.ed. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revistas dos Tribunais LTDA, 1990.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e estatística**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/pesquisa/23/22107>, acesso em 10/03/2022.

LIMA, Lucília do Nascimento. **Reescrevendo a história: paróquia Santa Rita de Cássia**. Imperatriz: maio/2002.

LIMA, Moisés Vieira. **Conograma dos últimos dias: um alerta para todos**. Imperatriz-Ma, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. São Paulo: Ed. Vozes, 2003.

MARINHO, Adelmi. **A vida que agrada ao Senhor Deus**. Imperatriz-Ma: Gráfica: editora, 2003.

_____. **História da Fundação de Imperatriz**. Imperatriz-Ma: Ética Editora, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 10, dez 1993, p. 7-28

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RIBEIRO, Antonio José Dias. **O Espírito e a Família**. Imperatriz-Ma: ADM Editora, 2003.

ROMEU, Judith Calvacante. **Prazer em escrever**. Imperatriz-Ma: Gráfica Brasil, 2007.

SOARES, Francisco L. (Org.). **Diocese de Imperatriz: 30 anos**. Imperatriz-Ma: Ethos, 2017.

SCHEINER, Tereza. **Museu, palavra, retrato e o mito**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio; vol.I; nº 1; jul/dez de 2008.

_____. **Museu, museologia e a 'relação específica'**: considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. Ci. Inf., Brasília, DF. v.42 n.3, set/dez. 2013, p.358-378.

SILVA, João Francisco da. **Vale de Bençãos: história, origem, ministério, patrimônio**. Imperatriz-Ma. 1ª ed.; Setembro 2004 a Setembro 2006.



SILVA, José Nilson Oliveira e CASTRO, Gisilda Maria Pereira de. (Org.). **Escola Santa Teresinha: 80 anos educando vidas**. Imperatriz-Ma: Ética, 2004.

SOUSA, Sebastião Cleyton Alves de. **História da Assembleia de Deus em Imperatriz**. Imperatriz-Ma: Edições IEADI, 2002.

VIEIRA, Daniel. **Vendo a Chuva antes das Nuvens**. Imperatriz-Ma: Ed. Ética, 2003.

_____. **A porta que Deus abre**. Imperatriz-Ma: Ed. Ética, 2004

Fontes:

OLIVEIRA, Luiz Silva. **Comunicado ao Senhor Comandante do Terceiro Batalhão de Polícia Militar de Imperatriz**. 10 de setembro de 1984.

Jornal O Caminho. Ano I – nº 1 – Imperatriz, 16/03/97 a 29/03/97.

Jornal O Caminho. Ano I – nº 11 – Imperatriz, 31/08/97 a 13/09/97.

Jornal O Caminho. Ano I – nº 13 – Imperatriz, 05/10/97 a 25/10/97.

O Mensageiro da Fé. Ano I – Julho de 1985 – Nº 7. Órgão informativo da União da Mocidade da Assembléia de Deus de Imperatriz.